

MARI

LIA

DE

DIR

CEU

PANDA BOOKS

PANDA BOOKS

MARIÍ

LIÁ

tomás antônio
gonzaga

DE

DIR

CEU

textos
informativos:
fátima
mesquita



© Panda Books

Direção editorial

*Marcelo Duarte
Patth Pachas
Tatiana Fulas*

Coordenação editorial

Vanessa Sayuri Sawada

Assistentes editoriais

*Henrique Torres
Laís Cerullo
Samantha Culceag*

Projeto gráfico e capa

Casa Rex

Diagramação

Victor Malta

Notas

Fátima Mesquita

Estabelecimento de texto

Ronald Polito

Edição das notas

Mayara Freitas

Revisão

*Mayara Freitas
Tássia Carvalho
Ronald Polito*

Fotos

*P. 15: © Agnes Monkelbaan/CC BY-SA 4.0;
p. 16: © Kateko/iStock; p. 39: © Serikbaib/
iStock; p. 71: © Kamil/CC BY-SA 3.0;
p. 138: © Phil Champion/CC BY-SA 2.0;
p. 185: © Rijksmuseum/domínio público;
p. 232: © Gerard Alis Raurich/CC
BY-SA 4.0; p. 237: PANTHEON Escolar
Brazileiro. "Thomaz Antonio Gonzaga".
Rio de Janeiro, RJ: Livraria de J. G. de
Azevedo, [19--?].*

Impressão

Loyola

Este livro foi estabelecido com base na primeira edição de 1792, publicada pela Typografia Nunesiana, em Lisboa; na primeira edição da segunda parte de 1799, publicada pela Officina Nunesiana, em Lisboa; na edição de 1812, publicada pela Imprensa Regia, em Lisboa; nas edições críticas de Rodrigues da Lapa, de 1942, publicada pela Companhia Editora Nacional, em São Paulo, e de 1957, publicada pelo Ministério da Educação e Cultura e pelo Instituto Nacional do Livro, no Rio de Janeiro; e na edição crítica de Melânia da Silva de Aguiar, de 1992, publicada pela Garnier, no Rio de Janeiro.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G651m

Gonzaga, Tomás Antônio, 1744-1810

Marília de Dirceu / Tomás Antônio Gonzaga; textos informativos:

Fátima Mesquita. – 1. ed. – São Paulo: Panda Books, 2023.

240 p.; 23 cm.

ISBN 978-65-5697-305-0

1. Poesia portuguesa. I. Mesquita, Fátima. II. Título.

23-83940

CDD: P869.1

CDU: 82-1(469)

Gabriela Faray Ferreira Lopes – Bibliotecária – CRB-7/6643



2023

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

Visite nosso Facebook, Instagram e Twitter.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

O QUE É UM CLÁSSICO?

Não sei você, mas pra mim “clássico” mesmo é jogo de futebol, tipo Fla X Flu, Coringão X Porco, Brasil X Argentina. Só que, na escola, os professores de português e de literatura cismavam em dizer que “clássico” eram os livros chatos que eles queriam porque queriam que a turma toda lesse. Ah, e não bastava empurrar pra cima da gente livro velho de fala complicada que a gente mal entendia. Além disso, eles ainda queriam que a gente fizesse exercício e prova sobre os textos. Pode haver castigo maior? E por que é assim?

Na minha aventura para tentar entender esse grande mistério da humanidade, comecei checando no dicionário o que quer dizer a palavra “clássico”. A definição varia de A a Z, mas lá pelas tantas diz mais ou menos assim: “Obra que se mantém ao longo dos tempos, que se tornou um modelo de inspiração, que pela sua qualidade obteve consagração definitiva”.

Beleza. Pra mim, saber melhor o que é considerado um “clássico” já ajudava a entender muita coisa, mas não mudava a minha opinião de que os clássicos eram uns chatos de galochal! E eu segui batendo nessa tecla por muito tempo, até que resolvi reler livros que eu havia empurrado com a barriga na escola pra ver se dava para acabar com essa conversa de sempre: de que os tais “clássicos da literatura brasileira” eram uns livros mais chatos que bêbado contando sonho. E, galera, vou admitir: quanto mais eu lia, mais eu gostava do que eu lia e mais eu me espantava com isso :)

TOMA AÍ UMAS INFORMAÇÕES SOBRE TOMÁS, TÁ?

Nascido em Portugal, filho de brasileiro com portuguesa, Tomás Antônio Gonzaga veio para o Brasil órfão de mãe, ainda menino. Morou em Recife e em Salvador, e depois meteu-se em um navio pra fazer facul na sua terra natal.

Em Coimbra, nosso Tomás estudou para ser advogado e conheceu Alvarenga Peixoto. As coisas estavam indo bem, ele se formou e ficou de boa trabalhando e fazendo seus poemas, até que descolou um cargo de magistrado em Vila Rica – hoje

Ouro Preto –, na capitania de Minas Gerais. E lá veio Tomás para o Brasil novamente.

Quando desembarcou aqui, o poeta estava com 38 anos e era um solteirão. Ele reencontrou Peixoto, que o apresentou ao poeta Cláudio Manuel e mais uma pá de gente importante. Na casa de um desses novos conhecidos, ele esbarrou pela primeira vez com Maria Doroteia Joaquina de Seixas e se apaixonou.

A moça era uns 22 anos mais nova que ele – tinha lá seus dezesseis anos –, mas naquele tempo isso não era chave de cadeia (como tem que ser, né?). Mesmo assim, a família dela ficou cabreira, porque eles eram bem mais ricos que Tomás. Só que a desconfiança não deu em nada, e os pombinhos logo ficaram noivos.

Uma das coisas que Tomás mais curti fazer naquela época era encontrar seus amigos poetas para conversar sobre tudo e qualquer coisa. E no meio do fala-fala que rolava, havia também muito assunto ligado à política, muita reclamação de como as coisas estavam em Minas Gerais.

O LEITE DERRAMADO

Olha só a situação: durante uns sessenta anos, Portugal enriqueceu com a extração de toneladas e toneladas de ouro do solo brasileiro, até que a produção começou a diminuir.

A essa altura, as autoridades não acreditaram que a diminuição do ouro era uma realidade irremediável, que a extração fácil desse minério estava de fato acabando. O volume já não era o mesmo. Assim, insistiram em colocar a culpa no roubo, no contrabando, que, cá entre nós, rolava desde sempre por debaixo do pano. Acrescente aí uma outra encrenca que já vinha se arrastando: a cobrança de impostos. As regras eram confusas e frequentemente rolavam minirrevoltas.

Mas Portugal não queria saber se o pato era macho. Só queria saber do ovo, e mandou avisar que ia cobrar os atrasados todos. No meio disso tudo, foi embora o Cunha Meneses, governador do pedaço, que estava sempre privilegiando os chegados e avacalhando os outros.

Tomás achou isso ótimo, porque ele vivia em clima de eterna briga com o cara, e ficou mais feliz ainda quando viu que o substituto seria o Visconde de Barbacena, que era um amigo lá de Portugal. Só que a mudança não rendeu nada de bom.

O visconde colocou as manguinhas de fora e avisou que ia ter cobrança dos impostos atrasados, por meio da chamada derrama. E aí, aqueles amigos que se reuniam para um bate-papo e já arquitetavam mudanças para a região ficaram em polvorosa, pensando em dar um olé em Portugal e fundar um novo país ali em Minas Gerais.

No meio do caminho, porém, o visconde-governador recebeu a dica do dedo-duro Joaquim Silvério dos Reis, que, em troca do perdão de suas dívidas, topou trair os amigos. E o que aconteceu é que o leite estava de vez derramado e até cheirando a azedo, com o grupo de revoltosos indo parar na cadeia, inclusive o nosso Tomás, que, aliás, tinha já o Silvério como inimigo por conta de outras situações.

INCONFIDÊNCIAS E CONFINAMENTOS

As investigações concluíram que Tiradentes era o líder do negócio todo, e Portugal puniu o cara com morte na forca seguida de esquartejamento e exibição de pedaços do corpo distribuídos por várias cidades. Alvarenga Peixoto também rodou. Puxou cadeia ao lado de Tomás na Ilha das Cobras e, depois de julgado e condenado, foi despachado para Angola, onde, não demorou muito, adoeceu e morreu.

Cláudio Manuel da Costa foi outro considerado envolvido dos pés à cabeça naquela tentativa de independência, mas nem chegou a sair de Vila Rica, porque se suicidou ali mesmo quando viu que a coisa estava ficando feia para o lado dele – se bem que tem uma turma que diz que ele não se matou foi nada, e que ele foi “suicidado”.

Já o nosso Tomás ficou três anos atrás das grades na fortaleza da Ilha das Cobras, no Rio de Janeiro, e, apesar de o tempo todo dizer que era inocente, foi condenado e colocado num navio para ir morar em Moçambique. Lá, ele se casou, não com a sua amada Doroteia, teve dois filhos e morreu, em 1810.

A MARCA DA ARCA

A Arcádia é uma região da Grécia que emprestou seu nome a um estilo literário, o Arcadismo, que bombou no século XVIII com essa levada de cultura grega e latina que, aliás, trouxe para seus escritores o título de neoclássicos.

O tipo de texto que essa turma queria compor tinha também muito a ver com o Iluminismo e o *boom* da tecnologia e da industrialização. Em cima disso, eles procuravam escrever como seres racionais que buscavam a simplicidade por meio de temas que exploravam a vida no campo, o aqui e o agora e um quê de pouca ambição.

E quem fazia parte dessa gangue? Em Portugal e no Brasil, a gente tinha o Tomás, o amigo dele, Cláudio Manuel, e ainda Bocage, Santa Rita Durão e Basílio da Gama.

AS LIRAS PRA MARÍLIA

A lira era um instrumento musical que acompanhava os poemas que os gregos faziam na Antiguidade. Sim, os poemas ali eram todos cantados. Foi só depois, no século XV, que a poesia alçou voo solo. Aí, lira virou sinônimo de criação poética.

E este livro do Tomás tem um monte delas: numa primeira parte, publicada em 1792, a gente tem 33 liras que falam do amor dele por Marília e vice-versa. O segundo bloco traz outras 38 liras, saiu em 1799, e apresenta como temas principais a saudade que ele tem de sua amada, a tristeza da prisão e a dor de se sentir injustiçado. Já a terceira parte mistura nove liras com treze sonetos e foi impressa dois anos após a morte do autor, contendo poemas escritos antes mesmo de Tomás conhecer Doroteia.

Aliás, que fique claro que (quase) tudo no livro cheira a autobiografia: Dirceu = Tomás e Marília = Maria. Mas por que este livro importa tanto? Acontece que Tomás conseguiu fazer nele versos bonitos que comunicam bem sentimentos humanos, dúvidas, medos e, ao mesmo tempo, ainda retratam legal o Brasil que ia se formando ou, mais especificamente, a Minas Gerais que ganhava seus contornos culturais *et cetera* e tais.

Por fim, uma curiosidade: Bento de Abreu Sampaio Vidal, um dos fundadores de Marília, no interior de São Paulo, batizou assim a cidade depois de ter lido e curtido este livro aqui, sabia?

ROL D'OBRAS

Desculpa aí! Quis fazer o título dessa parte imaginando que eu poderia assumir a identidade do próprio Tomás na hora de escrever o que é simplesmente uma lista de obras do autor. Mas vamos lá: ele publicou um volume sobre direito e depois dois livros de poemas, o *Marília de Dirceu*, que foi ganhando novos trechos até ficar completinho, e ainda as *Cartas chilenas*, que ele escreveu antes de começar o *Marília de Dirceu*, mas que só saiu com o nome dele assinando a obra em 1863 – o que aconteceu é que primeiro o texto, que era muito crítico e tirava uma onda brava pra cima de figuras importantes lá de Vila Rica, circulou à vontade por um tempo sob o nome fictício de Critilo. Porém, muita gente desconfiava de que aquilo era do Tomás, e vinha inclusive daí boa parte do desentendimento do autor com o dedo-duro Silvério dos Reis.

Olha só que coisa boa: pra encarar este livro sem estresse, você não precisa estar apaixonado por esta obra do Tomás que nem o Dirceu era doidão de amor pela Marília, sabia? Porque, nesta nossa edição, você vai dar de cara com **informações extras** a cada página virada. São dicas com o significado de palavras que podem soar estranhas e avacalhar o fluxo da leitura, imagens que esclarecem complicações variadas, notinhas que dão a geral do contexto dos escritos do autor e até sugestões pra você alimentar sua curiosidade lá nos confins da internet... Ou, em outras palavras, aqui tem tudo pra sua leitura ficar facinha e gostosinha!

f Fotos para contextualizar a cena.

g Sugestões de pesquisa na internet.

e Comentários curtos e curiosidades.

YouTube Dicas de vídeos para assistir on-line.

Significado de palavras e expressões em **vermelho**.

SUMÁRIO

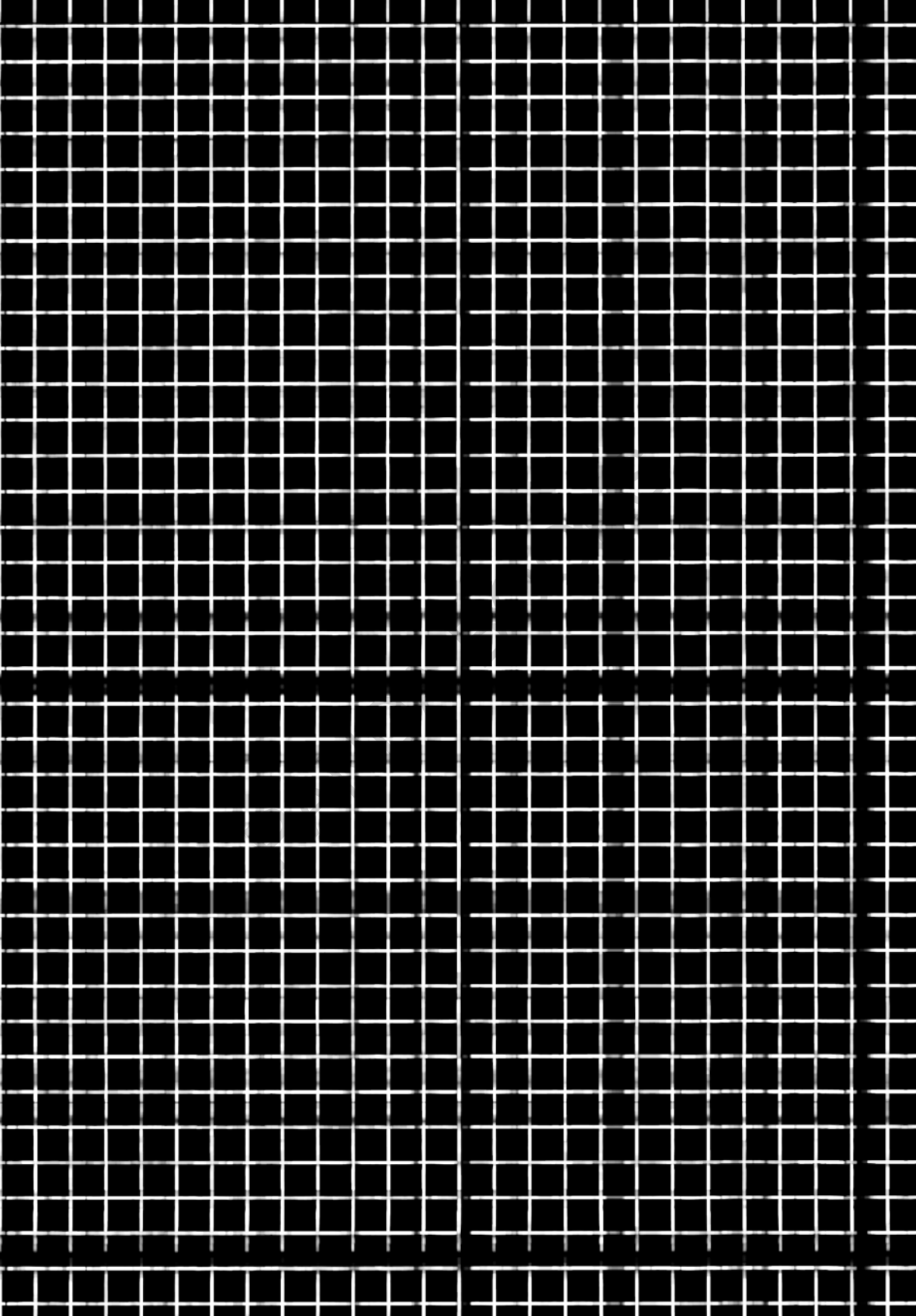
PRIMEIRA PARTE	13	LIRA XXII	72
LIRA I	14	LIRA XXIII	74
LIRA II	17	LIRA XXIV	76
LIRA III	21	LIRA XXV	78
LIRA IV	23	LIRA XXVI	83
LIRA V	27	LIRA XXVII	84
LIRA VI	30	LIRA XXVIII	87
LIRA VII	32	LIRA XXIX	89
LIRA VIII	34	LIRA XXX	91
LIRA IX	36	LIRA XXXI	92
LIRA X	38	LIRA XXXII	96
LIRA XI	41	LIRA XXXIII	98
LIRA XII	44		
LIRA XIII	47	SEGUNDA PARTE	101
LIRA XIV	52	LIRA I	102
LIRA XV	54	LIRA II	105
LIRA XVI	56	LIRA III	107
LIRA XVII	59	LIRA IV	109
LIRA XVIII	63	LIRA V	111
LIRA XIX	65	LIRA VI	113
LIRA XX	67	LIRA VII	115
LIRA XXI	69	LIRA VIII	117

LIRA IX	120
LIRA X	123
LIRA XI	125
LIRA XII	127
LIRA XIII	130
LIRA XIV	132
LIRA XV	134
LIRA XVI	137
LIRA XVII	140
LIRA XVIII	142
LIRA XIX	144
LIRA XX	147
LIRA XXI	150
LIRA XXII	152
LIRA XXIII	154
LIRA XXIV	156
LIRA XXV	158
LIRA XXVI	161
LIRA XXVII	163
LIRA XXVIII	167
LIRA XXIX	169
LIRA XXX	171
LIRA XXXI	173

LIRA XXXII	176
LIRA XXXIII	179
LIRA XXXIV	181
LIRA XXXV	183
LIRA XXXVI	185
LIRA XXXVII	187
LIRA XXXVIII	189

TERCEIRA PARTE

LIRA I	194
LIRA II	200
LIRA III	203
LIRA IV	205
LIRA V	208
LIRA VI	210
LIRA VII	213
LIRA VIII	216
LIRA IX	220
SONETOS	223



PRIMEIRA PARTE

PANDA BOOKS

LIRA I

E A amada do autor se chama, na verdade, Maria Doroteia Joaquina de Seixas (1767-1853).

E "Casal" vem de *casalis*, do latim, e é uma moradia simples, pobre.

E "Estrela", aqui, é "sorte das boas".

E Na mitologia grega, a mãe de Narciso procurou um adivinho, que disse que o rapaz teria vida longa se nunca visse o próprio rosto. Só que, um dia, Narciso vê seu reflexo na água e, de tão belo, se apaixona por si.

E Quando o Arcadismo entrou na moda, muitos autores escreviam como se fossem pastores de ovelhas, como se a vida rural fosse um paraíso.

YouTube A sanfoninha não tem nada a ver com a de hoje. É uma mistura de teclado com manivela de ferro. Para ouvi-la, dê uma olhada no YouTube.

E Alceste era um dos heterônimos do poeta Cláudio Manuel da Costa.

Concertar: fazer soar.

Eu, **Marília**, não sou algum vaqueiro,
Que viva de guardar alheio gado,
De tosco trato, de expressões grosseiro,
Dos frios gelos, e dos sóis queimado.
Tenho próprio **casal**, e nele assisto;
Dá-me vinho, legume, fruta, azeite,
Das brancas ovelhinhas tiro o leite,
E mais as finas lãs, de que me visto.

Graças, Marília bela,
Graças à minha **Estrela!**

Eu vi o meu **semblante** numa fonte,
Dos anos inda não está cortado,
Os **Pastores**, que habitam este monte,
Respeitam o poder do meu cajado.
Com tal destreza toco a **sanfoninha**,
Que inveja até me tem o próprio **Alceste**:
Ao som dela **concerto** a voz celeste, ➤

Nem canto letra, que não seja minha,
Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela!

Mas tendo tantos **dotes da ventura**,
Só apreço lhes dou, gentil Pastora,
Depois que teu afeto me **segura**,
Que queres do que tenho ser Senhora.
É bom, minha Marília, é bom ser dono
De um rebanho, que cubra monte, e **prado**;
Porém, gentil Pastora, o teu agrado
Vale mais que um rebanho, e mais que um trono.
Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela!

Os teus olhos espalham luz divina,
A quem a luz do Sol em vão se atreve:
Papoila, ou rosa delicada, e fina,
Te cobre as faces, que são cor da neve.
Os teus cabelos são uns fios d'ouro;
Teu lindo corpo **bálsamos vapora**.
Ah! Não, não fez o Céu, gentil Pastora,
Para glória de Amor igual tesouro.
Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela!

Leve-me a **sementeira** muito embora
O rio, sobre os campos levantado;
Acabe, acabe a peste matadora,
Sem deixar uma **rês**, o **nédio** gado.
Já destes bens, Marília, não preciso:
Nem me cega a paixão, que o mundo arrasta;
Para viver feliz, Marília, basta
Que os olhos movas, e me dês um riso.
Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela!

Irás a divertir-te na floresta,
Sustentada, Marília, no meu braço;
Aqui descansarei a quente sesta, >

E Traduzindo: presentes (dotes) dados pela felicidade (ventura).

Segurar: garantir, atestar.

E Prado é uma grande área sem muitas árvores, boa para bichos como ovelhas e vacas pastarem.

f Em Portugal é assim que se escreve até hoje o nome da flor que conhecemos como papoila.



Bálsamo: aroma, perfume.

Vaporar: recender, exalar.

E Sementeira é a terra preparada, que já recebeu as sementes e está pronta para gerar plantas.

E Rês é todo bicho de quatro patas que pode servir de alimento.

Nédio: gordo, roliço.

Regaço: colo.

t Naquela época, em Portugal, o cajado usado no pastoreio servia também para resolver desentendimentos na base da pancada, o que acabou virando uma espécie de esporte marcial.

t Bonina é uma flor da família da margarida, também conhecida como bem-me-quer.

t Louvores são elogios. Em um dos poemas de Ovídio, autor da *Anti-guidade*, Enone lembra a Páris como ele várias vezes rabiscou gracinhas pra ela nos troncos das árvores.

Dous: dois.

t Campa é uma laje de pedra colocada sobre um túmulo.

f O cipreste simboliza morte e luto. Inclusive, é uma árvore tradicional em cemitérios. Sua copa não se espalha e parece que está apontando para o céu.

Dormindo um leve sono em teu **regaço**;
Enquanto a **luta** jogam os Pastores,
E emparelhados correm nas campinas,
Toucarei teus cabelos de **boninas**,
Nos troncos gravarei os teus louvores.

Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela!

Depois de nos ferir a mão da Morte,
Ou seja neste monte, ou noutra serra,
Nossos corpos terão, terão a sorte
De consumir os **dous** a mesma terra.
Na **campa**, rodeada de **ciprestes**,
Lerão estas palavras os Pastores:
“Quem quiser ser feliz nos seus amores,
Siga os exemplos, que nos deram estes”.

Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela!



LIRA II

Pintam, Marília, os Poetas
A um menino vendado,
Com uma aljava de setas,
Arco empunhado na mão;
Ligeiras asas nos ombros,
O tenro corpo despido,
E de **Amor**, ou de **Cupido**
São os nomes, que lhe dão.

Porém eu, Marília, nego,
Que assim seja Amor; pois ele
Nem é moço, nem é cego,
Nem setas, nem asas tem.
Ora pois, eu vou formar-lhe
Um retrato mais perfeito,
Que ele já feriu meu peito;
Por isso o conheço bem.

Cupido ou Amor, na mitologia grega, era filho de Marte (deus da guerra) com Vênus (deusa do amor), e seu negócio era organizar umas baladas que eram pura diversão e prazer. Ele era apaixonado e correspondido por Psiquê. Mas, pra variar, havia uma pegadinha: ela nunca poderia ver o rosto dele, ou ia dar ruim. Um dia, porém, enquanto ele dormia, ela foi ver a cara do moço. Cupido acordou no mesmo instante e deu no pé, acabando com a felicidade dos pombinhos.

E *Purpúreo quer dizer de cor vermelho-escuro.*

E *Rubim é o mesmo que rubi, uma pedra preciosa bem vermelha.*

E *"Formado", aqui, significa "bem desenhado", "bonito".*

E *Marfim é uma substância dura e amarelada, que compõe as presas dos elefantes e de outros animais. Com ele, fabricavam-se objetos chiques.*

Desdenhoso: indiferente, depreciativo.

E *Ou seja, deu um sorriso.*

Os seus compridos cabelos,
Que sobre as costas ondeiam,
São que os de Apolo mais belos;
Mas de loura cor não são.
Têm a cor da negra noite;
E com o branco do rosto
Fazem, Marília, um composto
Da mais formosa união.

Tem redonda, e lisa testa,
Arqueadas sobranceiras,
A voz meiga, a vista honesta,
E seus olhos são uns sóis.
Aqui vence Amor ao Céu,
Que no dia luminoso
O Céu tem um Sol formoso,
E o travesso Amor tem dois.

Na sua face mimosa,
Marília, estão misturadas
Purpúreas folhas de rosa,
Branças folhas de jasmim.
Dos **rubins** mais preciosos
Os seus beijos são **formados**;
Os seus dentes delicados
São pedaços de **marfim**.

Mal vi seu rosto perfeito,
Dei logo um suspiro, e ele
Conheceu haver-me feito
Estrago no coração.
Punha em mim os olhos, quando
Entendia eu não olhava;
Vendo o que via, baixava
A modesta vista ao chão.

Chamei-lhe um dia formoso;
Ele, ouvindo os seus louvores,
Com um modo **desdenhoso**
Se sorriu, e não falou. >



Constranger:
envergonhar, acanhar.

Desafogo:
alívio, conforto.

E "Nevado" quer dizer
"branco", da "cor da neve".

Pejo: vergonha,
timidez.

Suposto:
fictício, falso.

Pintei-lhe outra vez o estado,
Em que estava esta alma posta;
Não me deu também resposta,
Constrangeu-se, e suspirou.

Conheço os sinais; e logo,
Animado de esperança,
Busco dar um **desafogo**
Ao cansado coração.
Pego em teus dedos **nevados**,
E querendo dar-lhe um beijo,
Cobriu-se todo de **pejo**,
E fugiu-me com a mão.

Tu, Marília, agora vendo
De Amor o lindo retrato,
Contigo estarás dizendo,
Que é este o retrato teu.
Sim, Marília, a cópia é tua,
Que Cupido é Deus **suposto**:
Se há Cupido, é só teu rosto,
Que ele foi quem me venceu.